

# Criatividade além da didática



**Muitos profissionais de Educação Física espalhados pelo Brasil fazem da escola e das aulas uma verdadeira experiência, muitas delas levadas pelos alunos para o resto da vida como inesquecíveis pela forma de aplicação, pelo inusitado da prática e pelo envolvimento e resultados dos alunos após a vivência. Para esses professores, a regra é sair do lugar comum.**

Esta é a terceira edição da Revista Educação Física que damos continuidade ao projeto iniciado na edição nº 46 destinando um espaço para experiências e projetos inusitados de Educação Física aplicados em escolas do ensino fundamental e média. Para esta edição trazemos o projeto de dança desenvolvido em uma escola do interior de Minas Gerais que estimulou alunos adolescentes e com problemas de aprendizagem e métodos a se envolverem em um apresentação fora dos muros escolares e um outro que quebrou preconceitos ao levar estudantes a investirem tempo e estudo em um projeto de soltar pipas na escola.

O principal critério de escolha foi a forma diferente de ministrar as aulas de Educação Física, bem como os resultados apresentados. Quem saber o seu não estará nas próximas edições?

**Muitos profissionais de Educação Física espalhados pelo Brasil fazem da escola e das aulas uma verdadeira experiência, muitas delas levadas pelos alunos para o resto da vida como inesquecíveis pela forma de aplicação.**



### **Dançando e estudando**

Contrariando a lógica da maioria de que o jeito mais apropriado para lidar com várias turmas de alunos heterogêneos era investir em uma boa “bola no pé”, a Professora Márcia Maria Almeida Figueiredo [CREF 000646-G/MG], que dá aulas há mais de 20 anos, apostou no novo, no diferente, para manter seus alunos envolvidos e interessados nas suas aulas. Pouca gente acreditou quando ela resolveu incentivar uma turma de adolescentes – quase todos do gênero masculino – a treinarem Break Dance para uma apresentação fora da escola. A experiência foi vivenciada na Escola Municipal Carlos Drummond de Andrade, localizada no município de Ipatinga (MG).

“Muitos eram repetentes na série, alguns em fase de alfabetização e com grandes dificuldades de relacionamentos entre eles e com os demais professores e funcionários da escola. Eu, como professora da turma, também vivia vários problemas, no entanto, eram alunos carinhosos, e a maioria deles muito ativos, mas eu precisava descobrir o que poderia motivá-los e encantá-los para a prática da Educação Física, e não apenas a ‘rolar bola’”, conta.



“Muitos eram repetentes na série, alguns em fase de alfabetização e com grandes dificuldades de relacionamentos entre eles e com os demais professores e funcionários da escola. Eu, como professora da turma, também vivia vários problemas, no entanto, eram alunos carinhosos, e a maioria deles muito ativos, mas eu precisava descobrir o que poderia motivá-los e encantá-los para a prática da Educação Física, e não apenas a rolar bola”



Tudo começou com a realização da Mostra Cultural, projeto desenvolvido na rede municipal de ensino sempre no mês de novembro de cada ano. No evento, as turmas apresentam um trabalho desenvolvido pelos alunos. “Percebi que o Break Dance chamava atenção deles e resolvi organizar um estudo sobre o assunto”, informa a Professora.

Márcia Maria conta que se juntou com a professora de inglês - por ser uma dança de origem americana - apresentou o material para a coordenação/direção da escola, e teve a ideia aprovada. “Lancei o projeto para os alunos e a aceitação foi esplendorosa”, comemora a Professora que levou um dançarino para falar sobre o assunto, depois apresentou o filme “Se ela dança eu danço 3” – que trata de dança de rua em Nova York - com o objetivo de motivar os alunos a realizarem o projeto. “Ao vê-los assistirem o filme, percebi o quanto estavam gostando da ideia e que esta poderia ser uma alternativa prazerosa para todos”, avalia.

A turma foi dividida em dançarinos, produtores de um vídeo e de um mural a ser apresentado na Mostra Cultural. O trabalho fez tanto sucesso que chamou a atenção dos demais alunos, que não perdiam a chance de vê-los ensaiar.

Na avaliação da Professora, os alunos perceberam o quanto podem ser bons quando se determinam a ser. “Houve uma grande melhora na auto estima e no relacionamento com a comunidade escolar, pois se sentiram parte do grupo, foram destaque em alguma atividade, sutilmente perceberam que poderiam ser reconhecidos por esse talento, assim ficaram um pouco mais motivados para os variados espaços escolares”, finaliza.

### Vamos empinar/soltar pipa na escola?

O projeto “Vamos empinar/soltar pipa na escola?” foi desenvolvido pelo Professor Leandro Rodrigo Santos de Souza [CREF 091676-G/SP] na Escola Estadual Heidi Alves Lazzarini, instituição localizada na Zona Sul da cidade de São Paulo em uma região conhecida como Capão Redondo, no bairro Parque Cláudia, que, segundo Leandro, não possui muitas alternativas de locais para lazer e prática de atividades corporais, a não ser as ruas. A unidade escolar em questão atende as séries do Ensino Fundamental.

Foi nessa realidade que o Professor encarou o desafio de fazer a molecula se movimentar em torno de um projeto diferente. Para começar, escolheu as quatro turmas de terceiros anos e programou tudo para um trimestre letivo. Mas, por que soltar pipas? “Um dos principais objetivos do planejamento da disciplina Educação Física é o desenvolvimento de projetos que auxiliem os alunos a identificarem as manifestações corporais que são desenvolvidas dentro e fora da escola, ou seja, possibilitando os alunos fazerem uma leitura crítica, com análise e reflexão das atividades desenvolvidas, sejam as práticas corporais locais e/ou de outras culturas”, explica Leandro.

Na prática, o Professor queria uma atividade que chamasse a atenção dos estudantes. Foi então que, ao caminhar pelas ruas próximas da escola, ele percebeu que os fios que compõem as redes elétricas e de telefonia estavam cheios de pipas/papagaios, rabiolas, linhas, tênis e outras coisinhas enroscadas na fiação. “No próprio muro da escola há um grafite onde o desenho mostra uma criança soltando/empinando pipa”, destaca.

Essa observação o levou a inquirir os alunos sobre o assunto e, para surpresa do Professor, soltar pipa era uma das atividades que nunca tinha sido realizadas na escola. Ele detectou uma resistência dos estudantes que





acreditavam ser brincadeira de rua e exclusiva de meninos. Resolveu trabalhar além da manifestação corporal, a questão do preconceito. Antes de partir para a prática foi realizada uma pesquisa teórica sobre a origem das pipas, apresentação de vídeos e debates com base em textos sobre prática e também abordando questões de segurança.

Depois disso, é chegado o grande dia de iniciar a parte prática do projeto. Com tesouras, papel, cola e varetas na mão, os alunos não viam a hora de começarem a montar as pipas. “Eu como Professor fiquei surpreso com o envolvimento dos alunos e alunas durante a confecção, onde todos se ajudaram”, comenta Leandro.

A fase de confecção durou dois dias. No terceiro, todos se dirigiram para a quadra da escola para, finalmente, começar a aula de Educação Física mais diferente que a escola já viu, com vários alunos soltando pipas e muito felizes, principalmente os que nunca tinham vivenciado tal experiência. A empolgação foi tanta que os estudantes sugeriram voltar à escola no final de semana para continuar com a “brincadeira”.

Finalizada a experiência, o Professor concluiu que, muito mais que notas ou conceitos, o projeto foi além e auxiliou os estudantes a questionarem os preconceitos (pipa é coisa de menino) taxados como “corretos” na sociedade em que vivem. “Através dos questionamentos e das reflexões propostas nas aulas, foi possível dar novos significados à manifestação que compõe a cultura corporal de movimento”, finaliza Leandro.

Empolgado pelo envolvimento e resultados positivos dos alunos no projeto das pipas, o Professor planeja para esse ano, duas novidades tão inusitadas quanto. “Vou trabalhar em um projeto chamado de *Futebol de Rua vai à Escola* e o outro é *Bafo, que Jogo é Esse?*”. Vamos aguardar as novidades.

## Envie sua experiência

Caro Professor de Educação Física, queremos saber sobre suas experiências inusitadas e bem sucedidas envolvendo seus alunos nas aulas de Educação Física. Se você tem algum projeto cujos desenvolvimento e resultados são interessantes, conte para nós da Revista Educação Física. As histórias mais interessantes serão publicadas nas próximas edições. Para envio dos relatos, favor mandar e-mail para [revistaef@confef.org.br](mailto:revistaef@confef.org.br).

Na prática, o Professor queria uma atividade que chamasse a atenção dos estudantes. Foi então que, ao caminhar pelas ruas próximas da escola, ele percebeu que os fios que compõem as redes elétricas e de telefonia estavam cheios de pipas/papagaios, rabiolas, linhas, tênis e outras coisinhas...

